

Críticas à irracionalidade da política econômica

Empresários e economistas criticam a ocultação dos índices reais de inflação e culpam Delfim Neto por essa decisão e por outros erros na economia

A suspensão da divulgação dos índices reais de inflação a partir de outubro é resultado de pressões do ministro Delfim Neto, que teria ameaçado cortar verbas da Fundação Getúlio Vargas caso a medida não fosse adotada. A informação foi dada por empresários e economistas ouvidos ontem no Rio. Ao mesmo tempo, surgiam novas e violentas críticas à política econômica, vindas dos setores financeiro e rural.

“Estamos atingindo o apogeu da irracionalidade econômica”, comentou Ary Waddington, presidente da Anbid (Associação Nacional dos Bancos de Investimentos). “Na verdade, vivemos hoje uma das piores crises econômicas; nunca o Brasil viveu dias mais amargos”, afirmou o superintendente da Cooperativa Agrícola de Cotia, Yaçuo Ogawa.

— Uma colossal dívida externa, que as taxas de juros e uma insidiosa perda em nossa relação de trocas se encarregaram de avolumar nos últimos anos, e uma dívida pública interna, que podemos qualificar de alucinante, que corrói, mina e solapa toda a estrutura financeira e econômica do País, levaram-nos a um estado de recessão sem precedentes — acrescentou Ogawa.

Keniti Aramaki, também diretor da Cooperativa de Cotia, queixou-se: “Na política atual, nada mudará, pois a saída de Langoni apenas fortaleceu o ministro Delfim Neto. Vivemos uma política econômica furada”. Uma das consequências desta política é que já se prevê a falta de milho para abastecimento interno, disse ele.

O empresário Germano Brito Lyra, presidente da Adecif (Associação dos Diretores de Empresas de Crédito, Investimento e Financiamento), adverte que a situação do mercado é de aperto, em decorrência “da necessidade de o governo de tirar todo o dinheiro do sistema, na tentativa de cumprir as metas econômicas”, exigidas pelo Fundo Monetário Internacional.

Além disso, as sucessivas quebras fraudulentas, seguidas de completa impunidade, estão abalando a credibilidade do setor financeiro. Para o corretor Adolpho de Oliveira, ex-vice-presidente da Bolsa de Valores do Rio de Janeiro, “a crise de confiança que avassala o País pegou de roldão o mercado financeiro como um todo, principalmente porque a sociedade brasileira chegou à conclusão de que não há penalidades para os abusos cometidos no dia-a-dia”. Como exemplo, lembrou a emissão de quase meio trilhão de cruzeiros em letras de câmbio frias pelo grupo Coroa-Brastel.

Ary Waddington manifestou esperança quanto a um afrouxamento da política monetária, a partir desta ou da próxima semana, quando deverão ser conhecidas as primeiras decisões do novo presidente do Banco Central, Afonso Celso Pastore. “Ele terá uma grande vantagem a seu favor: a de ser ouvido por Delfim.”

Inflação manipulada

Quanto aos índices de inflação, reaparecem as suspeitas de que o ministro do Planejamento preten-

de manipulá-los, forjando a sua baixa, a exemplo do que fez em 1973, quando ocupava o Ministério da Fazenda, no governo Médici. As fontes ouvidas ontem no Rio observaram que as pressões de Delfim para interromper a publicação dos índices reais se intensificaram no momento em que se discute no governo qual será a próxima dotação orçamentária do Instituto Brasileiro de Economia, da FGV, responsável pelos cálculos.

As fontes lembram que o Ibre realiza estes cálculos a título de prestação de serviços, pagos pelo governo.

As primeiras suspeitas de que Delfim poderia manipular as estatísticas foram levantadas logo que ele assumiu o Planejamento, em agosto de 1979. Uma das primeiras decisões do ministro foi trocar o presidente da Fundação IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística), Isaac Kerstenetzky, apontado como um estatístico extremamente sério e competente, por Jessé Montello, pessoa de sua exclusiva confiança. Mais tarde surgiram tentativas de substituir os tradicionais índices inflacionários, calculados pelo Ibge-FGV, pelo INPC (índice nacional de preços ao consumidor), a pretexto de que este último número refletia mais fielmente o comportamento dos preços.

No começo deste ano, diretores da Fundação IBGE acusaram Jessé Montello de querer manipular os números. Seja como for, o fato é que o INPC anual chegou ao mês passado quase 20% abaixo da inflação (124% contra 142%).